

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS



3
teatro

OBRAS COMPLETAS

teatro

1971
EDITORIAL ESTAMPA
LISBOA

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS



3
teatro
OBRAS COMPLETAS

Copyright

Herdeiros de José de Almada Negreiros

Todos os direitos para esta edição estão reservados pela
Editorial Estampa, Lda., conforme a legislação em vigor.

AQUELA NOITE

o meio do tempo

Figuras:

ELE

ELA

e

A FILHA DE AMBOS

ACTO ÚNICO

A cena está toda no escuro, mas vem uma luz de um quarto ao lado. No escuro da cena está o olho de um aparelho de rádio e ouve-se uma música de dança.

Um homem novo, mas de cabelo grisalho, em camisola interior e os suspensórios caídos da cintura sobre as calças cinzentas, dança em pés de meias (brancas) ao som da música da rádio, esmerando os passos, quando é colhido pela luz que vem do quarto ao lado. Inversamente que no teatro, este homem representa aqui como se o público estivesse na luz e a cena recebesse apenas a que viesse da plateia.

Este homem não é dançarino e faz por interpretar acompanhando a música como recorda e como sente, e deste modo deseja sinceramente pôr aqui toda a sua alma. Por vezes austero, outras jocoso, parece em certos passos conseguir o seu acerto. Mas, como acima se disse, o seu esmero é evidente apenas quando fica debaixo do domínio da luz que vem do quarto ao lado. Quando fora do domínio desta luz este homem como que fica inerte, preocupado, meditando, angustiado até e depois é como se acordasse de repente para prosseguir no seu acompanhamento da música. Quando se demora um pouco mais a retomar a dança, ouve-se uma voz no quarto donde vem a luz de lado para a cena.

A VOZ — Pai...

E então o homem retoma a dança à luz e entra nela como se tivesse vindo de ir buscar mais alma para o momento.

Por três vezes ele se demora a retomar a dança, e as três vezes a voz se repete, e todas as três vezes o homem se mostra de cada vez mais solícito e capaz à chamada. Contudo, não será difícil de fazer o reparo em que o seu óptimo entusiasmo vai envolvido em angústia de desesperado.

Entretanto, mesmo encostada à ribalta, alguém abriu uma porta e assim ficou com a mão no fecho. É uma mulher vestida de negro, de xaile, e o primeiro que dela se adivinha no escuro é a sua cabeleira grisalha.

A última vez que o homem saiu do domínio da luz que vem do lado da cena, reparou nela finalmente. Mas o homem está sobretudo à espera que a voz o chame. Por fim a voz chama-o mas mais sumidamente que das outras vezes. E também o homem recomeça a sua dança, mas de maneira visível de ser pela última vez. Súbitamente, sempre debaixo do domínio da luz que vem do lado da cena, deixa de dançar, pára; e olha fixamente para dentro do quarto donde vem a luz. Então toma mesmo à luz a mesma atitude preocupada de quando entrava no escuro da cena. É então que se dirige para a porta à mulher, como quem se entrega ao seu destino. Junto dela, face a face, olhos com olhos, acaba-se a música de dança seguida destas palavras da rádio:

— Acabaram de ouvir «Canção sem palavras», de Mendelshon.

E depois de um curto intervalo, a rádio prossegue:

— Agora passam a ouvir «Vida breve», de Manuel de Falla...

E é quando o homem, atravessando a cena, vai desligar a rádio. Em seguida, volta para a porta como da primeira vez junto da mulher com a mão no fecho, face a face, olhos com olhos.

O silêncio que aqui se segue, por longo que pareça não é inverosímil, e deve ultrapassar a capacidade de espera do público. Basta para tanto, que os dois actores, parados, frente a frente, permitam fazer supor à assistência que o destino comprometeu séria e mutuamente este homem e esta mulher.

E começa o diálogo em voz muito baixa, como se dito ao ouvido um do outro, em necessidade de confissão, enlaçados ambos na mesma cama, amantes, casados.

A MULHER — Acabaram-se-me as forças.

O HOMEM — Deixaste-as acabarem-se.

A MULHER — Deixámos que se acabassem.

O HOMEM — Acabaram-se antes do fim.

Ouve-se tossir no quarto iluminado.

Novo silêncio.

A MULHER — Nunca te vi como hoje.

O HOMEM — Hoje?

A MULHER — Antes que soubesses que eu estava aqui.

O HOMEM — A novidade desta noite para adormecê-la.

A novidade de quem ficou só no combinado para sempre.

A MULHER — Há muito que ela tosse?

O HOMEM — Nunca. Foi só agora?

A MULHER — No bem combinado não podemos ser os julgadores um do outro.

O HOMEM — Nunca te julguei. Julguei o combinado.

A MULHER — Fizeste-me pesar o que era nosso sobre o que era só meu.

O HOMEM — Estás a julgar-me.

A MULHER — Não. Contigo senti perder a minha liberdade, quanto mais a minha satisfação.